EXPEDIÇÕES ANTÁRTICAS: CIÊNCIA E NATUREZA NO INÍCO DO SÉCULO XX

Renato Ricardo Schnell Junior (PIBIC/FA), Alessandra Izabel de Carvalho (Orientador), e-mail: ale.marumbi@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de História.

História, História Moderna e Contemporânea.

Palavras-chave: Expedições, Ciência, Continente Antártico.

Resumo
O presente artigo constitui em um trabalho de investigação a respeito da construção da ciência durante a Idade Moderna e de como seu ideal de ciência repercutiu na forma das sociedades de se relacionar com o mundo natural, tendo como objeto principal as expedições rumo ao continente Antártico durante o final do século XIX e início do XX. É a partir das expedições da intitulada Idade Heroica e da corrida pelo Polo Sul que este trabalho se estrutura, buscando uma problematização da ciência moderna e sua utilização na conquista do continente antártico.

Introdução

Para alguns autores, já era do conhecimento dos antigos povos a existência de um continente mais ao sul. A incógnita que o Continente Antártico representava, motivou a produção de muitas teorias e histórias. Para a literatura, pode ser considerado um "prato cheio", já para a historiografia é um tema ainda pouco explorado que oferece muitas possibilidades para pesquisas. O artigo apresentado a seguir consiste em um projeto iniciado no ano de 2017, que passou por algumas alterações ao longo desse período, mas manteve o foco principal na ciência moderna e na natureza antártica.

As expedições do período que compreende a conquista do Polo Sul constituem parte da busca pelo conhecimento do mundo e por isso não podem ser consideradas como um caso isolado do século XX, pois o movimento a que elas pertencem foi iniciado muito tempo antes. E o contexto do seu surgimento está profundamente relacionado com ideais de ciência moderna e políticas imperialistas. Uma das maiores heranças dessas expedições consiste nos relatos de viagens deixados por seus participantes. Essas narrativas, como construções literárias, possuem diversas funções, entre elas sua utilização como legitimadora de grandes feitos e de determinado discurso.

A busca pelo conhecimento aliado com os interesses econômicos levou o ser humano às mais variadas regiões do globo e contribuiu para a expansão dos impérios na medida em que novos locais antes desconhecidos eram explorados e colonizados. É a partir dessa ideia que este projeto buscou problematizar as possíveis relações criadas entre a ciência moderna e a conquista do continente Antártico.

Material e Métodos

Este projeto se desenvolveu principalmente através da participação no Laboratório de pesquisa em Memória, Cultura e Natureza. As reuniões do Laboratório permitiram não apenas a aproximação com trabalhos de indicações bibliográficas, mas também o aprofundamento em algumas questões importantes para este trabalho. No que se refere às fontes utilizadas, elas se constituem como obras dos próprios tripulantes e

capitães. A busca por essas fontes foi realizada principalmente através de sites que teriam sua disponibilidade. A obtenção dessas obras se constituiu um importante achado, enriquecendo o trabalho e lhe dando a base necessária para a sua realização, sendo então complementado com as demais bibliografias sobre o tema.
Junto as fontes, houve a pesquisa por obras que analisassem o conceito de ciência e sua história, para desenvolver a problematização de como se deu o seu uso diante das políticas dos séculos XIX e XX.
Durante esse ano de realização do projeto, diversas obras foram pesquisadas nos mais diferentes sites e acervos. Desta forma, uma das principais características desse trabalho está em sua interdisciplinaridade, pois buscou dialogar com trabalhos da geografia, biologia, sociologia, literatura, entre outras áreas.

Resultados e Discussão

Diante da ascensão de uma nova ideia de ciência a partir do século XVII, e de uma de concepção de natureza mecânica, o mundo antes pouco explorado e com grandes lacunas em seu mapamento começou a presenciar um grande incentivo pelo conhecimento. Para o historiador Peter Burke (2012), houve dois grandes momentos nos descobrimentos. O primeiro teria alcançado seu auge com as primeiras grandes navegações, os estudos das costas e as descobertas na América. Já o segundo momento teve seu início a partir da segunda metade do século XVIII. Para ele, a quantidade de conhecimento adquirido pelos filósofos naturais entre esses séculos seria gigantesca, principalmente no que dizia respeito à fauna, flora, geografia e história.
Como aponta Baumer (1990), “era a grande época da coleção, classificação e descrição” (p.79). Foi um período de construção de grandes bibliotecas e museus particulares, onde tanto obras raras quanto espécimes exóticos eram itens muito cobiçados. Também é o momento do incentivo de expedições científicas financiadas por patrocinadores privados.
As expedições científicas ao Continente Antártico têm seu contexto relacionado ao século XIX, marcado pelo que Eric Hobsbawn (2012, n.p.) chamou do “triunfo global do capitalismo”. Foi um período marcado pela ascensão dos Impérios, do liberalismo e dos avanços tecnológicos e industriais. Esse período de império estava profundamente relacionado com a soberania econômica e possui como uma de suas principais caraterísticas o desenvolvimento de nacionalismos atrelados ao patriotismo. Desta forma, na medida em que apenas alguns países enriqueceram, muitos outros entraram na linha da pobreza: “Era muito provável que uma economia mundial cujo ritmo era determinado por seu núcleo capitalista desenvolvido ou em desenvolvimento se transformasse num mundo onde os “avançados” dominariam os “atrasados”” (HOBSBAWN. 2016. p.93-94). E foi através da ciência que o domínio sobre outros povos ou sob a própria natureza se tornou possível.
Em 1901, pelo apoio conjunto da *Royal Society* e da *Royal Geographical Society,* duas instituições britânicas de financiamento de pesquisas, foi organizada a expedição liderada por Robert Falcon Scott. Essa expedição para Larson (2015), teria sido a primeira do período que seria chamado de Idade Heroica na ciência antártica, que originou a uma corrida para alcançar a latitude 90° Sul e movimentou o cenário científico pelas próximas duas décadas.
Entre os anos de 1910 e 1912, as expedições do inglês Scott e do norueguês Amundsen foram protagonistas de um grande fenômeno científico, demonstrando como a ciência foi instrumentalizada para dominação do continente antártico. De acordo com Fetz (2011): “Na visão dos impérios, a prática científica, a necessidade

de conhecer o interior dos continentes, a estrutura biológica e social, poderiam associar-se à vontade de expansão dos impérios, cumprindo o trabalho logístico de conhecer e dominar" (p.46). É a partir dessa ideia que alguns aspectos podem ser elaborados acerca da ciência e das expedições.

O primeiro aspecto consiste na relação entre a ciência e a economia, uma vez que a ciência movia o interesse das sociedades pela conquista e expansão dos seus impérios. Além disso, como as expedições constituíam em uma prática cara, os altos valores dos financiamentos eram fundamentais. Um segundo aspecto reside na confecção dos próprios relatos de viagem, uma prática comum para documentação científica, mas que acaba adquirindo função de legitimar as conquistas nacionais. Por fim, o terceiro aspecto diz respeito à criação da imagem do herói, atrelando a conquista da Antártica com os sentimentos nacionalistas e patrióticos que vinham desde o século anterior se fortalecendo. Segundo Hobsbawn (2016), a ciência, diante de um panorama de instrumentalização como objeto de domínio sobre povos era responsável também por gerar rivalidades entre nacionalidades, como por exemplo o caso inglês e norueguês.

Além disso, o discurso de soberania do ser humano sobre o mundo natural intensificou-se por meio da inovação tecnológica e de um domínio cientifico. Como Amundsen exclama sobre a Conquista do polo Sul: "O início foi lento, porém passo a passo muito se conquistou. Um trecho após outro do último continente foi sendo gradualmente descoberto e submetido ao poder do homem" (2001, p. 20).

Gradualmente, o herói cientista estaria dando lugar ao um herói recordista e a ciência estaria legitimando um discurso antropocentrista.

Conclusão.

A natureza antártica, como mais um obstáculo no percurso, representava o desejo do homem de se sobrepor ao mundo natural. Uma herança herdada de várias gerações, vindas desde a Idade Média, quando seu domínio era, em tese, legitimado por Deus, até o período moderno no auge dos pensamentos iluministas e de uma ciência dualista e evolucionista.

No que diz respeito à situação atual do continente, nenhum país apresenta posse sobre o território antártico. O Tratado da Antártica de 1959, que entrou em vigor no ano de 1961, atua como instrumento jurídico sobre os direitos territoriais na Antártica. Há muitas divergências sobre o que deveria ocorrer com o continente, alguns que defendem que ele deveria ficar intocado e há aqueles que defendem que todos os países têm direito de explorá-lo. Mesmo que ainda haja discordâncias, diversos países possuem estações de pesquisas no continente.

A construção da ciência moderna, tal como apresentada no projeto, gerou não apenas mudanças significativas na forma de ver o mundo natural, mas também nas formas como nos relacionamos com ele. Algumas das heranças das teorias desenvolvidas nesse período ainda estão muito presentes em nossa sociedade, tal como o sentimento herdado do dualismo cartesiano. Este trabalho tenta levar ao leitor não apenas a problematização sobre a ciência e as expedições, mas também ao questionamento sobre nossa própria construção social e os preceitos derivados da sociedade em que vivemos. A prática da reflexão acerca da nossa relação com a natureza é algo que deve ser continuamente incentivada, objetivando relações de convívio sustentável para todos. Neste sentido, o estudo acerca da História Ambiental, demonstra sua importância para a compreensão das formas de relacionamentos herdados de gerações passadas e das influências entre a sociedade e a natureza.

Agradecimentos
Agradecimento à Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) por disponibilizar a oportunidade. Agradecimento também a Fundação Araucária por fornecer a bolsa do programa. Agradecimento ao departamento de História e principalmente a Professora Drª. Alessandra Izabel de Carvalho por ter dedicado seu tempo para orientação deste trabalho e por ter permitido que ele fosse possível.

Referências

AMUNDSEN, Roald. **Pólo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912**. Alegro, 2001.

BAUMER, Franklin L. **O pensamento europeu moderno**. Vol. I Séculos XVII e XVII. Lisboa: Edições 70, sd. 1990.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento 2: da Enciclopédia à Wikipédia**. Zahar, 2012.

CAPRA, Fritjof. **Ponto de Mutação, O**. editora Cultrix, 1998.

CASSEL, Gastão et al. A experiência e o narrador: a escrita-viagem de Shackleton, Scott, e Amundsen na conquista do Polo Sul. 2014.

FETZ, Marcelo. **Expedições científicas no século XIX: o universo da ciência e a diversidade cultural**. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais, v. 14, 2011

FRANCO, José Luiz de Andrade. **A história ambiental no Brasil e os seus clássicos. Sociedade e Estado**, v. 18, n. 1-2, p. 389-394, 2003.

GANDRA, Rogério M. **O Imaginário Territorial na Antártica**. Porto Alegre: Boletim Gaúcho de Geografia, n. 30, 2004.

LARSON, Edward J. **Um Imperio de gelo: Scott, Shackleton e a Idade Heroica da ciência na Antártica**. [trad. Camila Werner]. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

SCHEMES, Elisa F. **A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa**. Florianópolis: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.

SCOTT, Robert Falcon. **A última expedição: a dramática corrida pela conquista do polo sul**. São Paulo: Alegro, 2002.